

# Capital Europeia da Cultura 2027

## Justificativas de uma candidatura

Na freguesia piscatória da Ribeira Quente teve lugar o Festival do Chicharro - quatro dias de música de outro tipo, com participações desde o David Carreira aos Starlight.

Na véspera da abertura, tínhamos passado por lá, e toda a área, ao longo da estrada, no porto e na zona de praia, estava polvilhada de tendas de campismo.

Esperavam testemunharmos a azáfama dos preparativos para o fim-de-semana seguinte, em que a grande estrela foi o Pedro Abrunhosa.

Entretanto, no Centro de Estudos Natália Correia na Fajã de Baixo, o Coro e Ensemble do Grupo Musical Johann Sebastian Bach, outro agrupamento local, ofereceu um recital de música e poesia (Camões).

Felizmente deram também outro concerto no claustro do Convento da Esperança.

Não pude ir, mas amigos que lá estiveram ficaram embasbacados com a qualidade do espetáculo.

Como se isso não bastasse, aqui ao lado pude assistir a uma ópera - La Traviata, sentada ao ar livre numa praça moderna da Lagoa no meio de uma enchente, que deveria ultrapassar as sete centenas de pessoas.

Para meu espanto, quem veio fazer uma breve apresentação avisou que o espetáculo duraria três horas, contando com os intervalos.

Íamos ser contemplados com a ópera completa.

Mas a surpresa não terminou aí. Após a "Ouverture", surgiu no palco não um coro mas um vasto elenco de atores em movimentação teatral.

Havia, porém, ainda mais para espantar: as vozes.

Fomos rápida e progressivamente ficando todos encantados

com a sonoridade - um barítono e um soprano de se lhes tirar o chapéu.

Foi no entanto todo o conjunto de vozes e atuações em palco que se impôs ao público logo nas cenas iniciais, vibrantes e plenas de pujança, calorosas e emocionantes - enfim, a imagem de marca de Verdi.

A noite estava fresca e volta e meia a aragem chegava ventosa, mas ninguém quis perder três sólidas horas de espetáculo.

Não sou nada especialista em ópera.

Vi La Traviata pela primeira vez em Roma, em Julho de 1975, uma data demasiado longínqua para recordar pormenores.

Só posso dizer que todos os amigos que estavam comigo ali na Lagoa, alguns deles melómanos, não escondiam o seu entusiasmo.

De novo outra pergunta retórica: Como foi isso possível numa pequena cidade, e com um grupo de cantores e músicos inteiramente diferente do que atuou nas Noites do Colégio?

Confesso que saí de lá abanado; contudo, para minha defesa, o sentimento foi geral.

Eu poderia continuar com exemplos de toda a ordem como uma noite de poesia todas as quintas-feiras num pequeno bar da cidade onde toda a gente é convidada a ler poemas de sua escolha.

Um dos presentes traz uma cesta de livros e qualquer um pode servir-se.

E para não falar já do Festival das Sete Cidades, de dimensão internacional, onde a minha idade não me autorizou a estar presente, mas de que me chegaram ecos.

A lista, porém, seria longa se me dispusesse a incluir tudo: as "noites de verão" de Ponta Delgada, os espetáculos de emigrantes



- Dionísio Garcia e Portuguese Kids - até ao RFM Beach Power na praia de Santa Bárbara da Ribeira Grande.

Precisaria de umas quantas colunas mais para fazer justiça a todas as iniciativas.

Toda esta atividade é garantia de que Ponta Delgada merece bem ser a Capital Europeia da Cultura em 2027.

Bastará elencar um punhado de entre os múltiplos eventos que por todo o lado pululam (e nem falei no lançamento de livros!) para a nossa candidatura impor respeito e, diria mesmo, apresentar-se com pleno direito.

Embora a Região Açores possa e deva ser toda envolvida, os regulamentos são específicos: a candidatura é de uma cidade.

Daí termos de usar a referência Ponta Delgada, Açores - 2027 e não apenas Açores-2027.

Assim, Ponta Delgada ganha com o facto de lhe ter apenso o nome da Região, reconhecível internacionalmente.

Depois, o slogan a servir de subtítulo deve ser na versão em que agora está: "a nossa natureza é humana", acentuando o facto de

ela ser uma natureza humanizada.

Dizer-se simplesmente "uma natureza humana", como inicialmente fora proposto, seria problemático e por boas razões.

O conceito de natureza humana tem sido muito debatido porque a cultura sempre procurou alterar marcas ancestrais da natureza.

Basta lembrar a doença.

Toda a história tem sido uma luta contra ela.

Mas há mais: a natureza tem tendências agressivas e a cultura tem tentado debelá-las.

Ponta Delgada é um produto da intervenção humana e cada vez mais nela há menos de natureza.

O que cá existe tem sido resultado de um trabalho felizmente humanizado.

É velho hábito nacional falar-se mal de tudo.

Por cá, temos razões de sobra para dizermos bem do que tem sido feito.

Ponta Delgada é hoje uma cidade cosmopolita, voltada para o futuro e merece bem ser a Capital Europeia da Cultura em 2027.

